

A BATALHA DO MARNE

A impressão produzida pela primeira semana da guerra foi que o contingente britânico compareceu no momento justo para o fim do mundo. Ou antes, aos olhos de qualquer homem sensível e civilizado, tocado pela duvida moderna, esta antiga visão teocrática ficava antes bem abaixo da pavoração era de terror dos nossos dias. Pois este dia era o do juizo final em que, sôbre o trono do céu e ~~paxi~~ pairando sôbre os querubins, estava sentado não Deus mas um outro. Os ingleses tinham sido colocados a oeste ao extremo do front aliado, no Norte. A outra extremidade do front estava protegida pela cidade e pela fortaleza de Namur; não se apoiavam em nada. Não é, de-forma alguma um devaneio sentimental dizer que existia como um abatimento na posição desta porta perdida em terras estranhas não tendo senão planicies tristes do norte da França entre aqueles homens e o mar.

Era com efeito realmente em torno desta ponta perdida que o inimigo lançaria o arrojo de seu ataque; era neste ponto que a morte estaria onipresente. Lembremo-nos que muitos críticos, inclusive muitos ingleses perguntavam-se si a ruína não tinha dirigido para lá sua ação tal como tinha minado outras zonas da vida nacional, e temiam que a Inglaterra não houvesse esquecido e negligenciado a ética e técnica da guerra e que ela se encontrasse dentro de uma cadeia de elos frágeis. O inimigo tinha certeza que as coisas eram mesmo assim. A estes homens que permaneciam inconsoláveis, entre as planícies imensas e solitárias, chegara de repente a notícia da queda de Namur que para seus capitães eram um dos quatro cantos da terra. Os dois exércitos se haviam chocado e instantaneamente o mais fraco ~~perca~~ recebera um choque elétrico que transmitia a energia da profunda Alemanha, baterias e baterias imantadas de uma força de abismo. Neste momento descobria-se que os inimigos eram mais numerosos que se imaginara. Eram mesmo mais numerosos que o número que se avistava. Algum cavalheiro alerta dobrava-se como na visão de um homem bebado; e logo se lutou sem falar em um pesadelo de números. Então todas as forças aliadas no front foram postas fora de batalha no trágico encontro de Mons, e esta terrível retirada começou justamente onde inúmeros de nossos jovens puderam conhecer pela primeira vez a guerra, ~~não~~ no que ela possuía de pior neste mundo horrível, a quantos já experimentaram tamanha desgraça. Neste terrível espetáculo, de estranhas emoções ficaram por muito tempo pouco familiares a nosso sangue. Estes seis dias sombrios estiveram mais cheios de lendas que os seis séculos das idades sombrias. Muitas seriam devaneios exagerados, uma foi certamente uma ficção confessada, outras diferem completamente e de ~~dixix~~ dissipam menos facilmente a luz do dia. Mais um fato curioso ficará sempre na memória de todos, ainda mesmo si tudo fôsse mentira ou habil obra de arte. Nenhuma dessas lendas não tem relação com estes tres séculos densos, tumultuosos e sombrios que são os mais próximos de nós e os únicos de fala este estudo, os

séculos em que a influência teotônica se apoderou de nossas ilhas. Ali havia fantasmas, mais eram fantasmas de antepassados esquecidos. Ninguém jamais viu Crowell nem mesmo Wellington, em ninguém resta nem a sombra de pensamento de um Cecil Rhodes. Muitas coisas foram vistas ou ditas entre os ingleses que os ligaram mais estreitamente do que qualquer aliança, com os franceses que falaram de Joana Darc planando no céu acima da vida condenada, ou com os russos que viram em sonho a mãe de Deus mostrando-lhes com a mão estendida o ocidente. Havia visões ou invenções de um exército medieval, e um poeta em prosa esteve de acôrdo com tantos rumores populares quando falava de arqueiros fantasmas gritando: "Array! Array!" como nesta Yeomanry a muito tempo licenciada em que sonhei com Cobbett levando um arco. Outras histórias, verídicas ou somente sintomáticas falavam de qualquer cavalheiro lendário cavalgando um grande cavalo branco que não era o vencedor de Blenheim nem mesmo o príncipe negro, mas uma vaga imagem saída de remotos martirologios: S. Jorge. Um soldado pretendeu mesmo identificar o santo porque ele o conhecia gravado nas moedas. Sôbre as moedas S. Jorge era um soldado romano. Mas estas visões, si são visões podiam bem parecer aos ultimos bruxoleios de uma velha ordem do mundo agora feridos de morte. O que vinha com todo pêso de um mundo novo, era alguma coisa que não se contara incluída entre os sete cavalheiros da cristandade